

A presença da escola no desfile de aniversário da cidade pequena

Mitsi Pinheiro de Lacerda*

The presence of school in the birthday parade of small town

* Doutora em Educação pela USP. Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense. Departamento de Ciências Humanas. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cotidiano Escolar.

RESUMO: É próprio das sociedades promoverem cortejos públicos onde desfilam para si mesmas, interrompendo o cotidiano da cidade. Neste artigo são apresentados resultados de estudo que aborda a presença da escola no desfile comemorativo de aniversário municipal, promovido pela administração pública, em duas cidades pequenas. Estudando *em* desfiles e não *sobre* eles, são observadas: a) a apropriação dos estudantes em relação à nota de participação; e b) a delimitação de temas para o desfile e interferência junto aos currículos escolares. Trata-se de estudo de cunho etnográfico, com documentação direta (conversas, produção e coleta de imagens). A conclusão aponta para a curiosa circularidade que alimenta o deslocamento de práticas escolares em direção ao cotidiano da cidade; os consumos de praticantes que transformam os resíduos de um currículo prescrito, em currículos praticados; e as táticas de praticantes, que alteram seus resultados escolares.

PALAVRAS-CHAVE: cidades pequenas; currículo; avaliação.

ABSTRACT: *It is characteristic of societies promote public processions to parade themselves, disrupting the daily life of the city. This article presents results of study that notes the presence of the school in the birthday parade of city, promoted by the government, in two small towns. Studying in parades and not about them, are observed: a) the appropriation of the students about their participation grade and b) the boundaries of themes for the parade and interference with school curriculum. It's an ethnographic study, with direct documentation (talks, production and collection of images). The conclusion points to: a) the curious circularity that feeds the displacement of school practices into the daily life of the city, b) the consumption of practitioners that transform remains of a prescribed curriculum, in a practiced curriculum and c) the tactics of practitioners who change their school results.*

KEYWORDS: *small towns; curriculum; evaluation.*

1. INTRODUÇÃO

O costume por organizar cortejos se sobrepõe à existência dos próprios grupos que os inauguram, no decorrer dos tempos. Desde a antiguidade, as sociedades promovem cortejos públicos onde desfilam para si mesmas, sendo que, na atualidade, nos deparamos continuamente com cortejos carnavalescos, cívicos, políticos, religiosos, culturais, educativos, temáticos, esportivos, fúnebres e tantos outros. Por meio deles, os diferentes grupos sociais realizam seus protestos, apresentam suas reivindicações, comemoram suas conquistas, defendem suas posições, praticam suas crenças – se expressam. Tudo isso ocorre por meio de exposição previamente organizada que se movimenta e irrompe o cotidiano da cidade, nele interferindo.

Os cortejos distinguem as posições dos sujeitos em diversos grupos sociais. Sua participação pode incidir nos preparativos ou se restringir à culminância do cortejo, sendo que essa participação pode ser opcional, obrigatória ou até mesmo negada. A participação dos sujeitos durante os preparativos de determinados cortejos pode lhes conferir alguma distinção, proporcionando-lhes, em alguns casos, o prolongamento desta distinção durante todo o decorrer do evento por meio da ocupação de um lugar de destaque. Para Martins (2008), as distinções sociais materializadas nas posturas das classes favorecidas, durante a Colônia, levavam essas classes a “dar-se a ver”, incluindo nesta visualização o lugar privilegiado que ocupavam na sociedade, pois

As diferenças sociais tinham que ser vistas para serem legítimas, algo que permanece na cultura brasileira até hoje. Por isso mesmo, a transgressão no dar-se a ver, o fazer-se ver com a máscara do outro, do que domina, tem sido uma forma politicamente imperceptível de protesto social dos pobres (p. 71).

A demarcação dos lugares ocupados pelos sujeitos e as distinções conferidas a cada um eram visualizadas por meio dos cortejos, segundo uma configuração que objetivava tal fim. Na atualidade, os cortejos dispõem de naturezas diversas, podendo agregar sujeitos que comportam intencionalidades

distintas, ou restringirem-se a grupos sociais que compartilham algo em comum. Embora ainda comportem hierarquias, os cortejos contemporâneos dispõem de tramas complexas que tornam confusa qualquer tentativa de categorização dos sujeitos que o compõem.

Neste artigo apresento resultados de uma pesquisa¹ cujo objetivo era conhecer a presença da escola no desfile de aniversário da cidade, realizado por ocasião das comemorações de emancipação política, em duas cidades pequenas. A investigação incidiu sobre: a) a curiosa relação que praticantes da escola estabelecem entre nota de participação, avaliação e desfile; e b) a delimitação de um tema para o desfile: sua seleção, interpretações e configurações curriculares.

Influenciada por Certeau (1994), meu interesse reside nos praticantes . Produtores de uma cultura ordinária que “[...] oculta uma diversidade fundamental de situações, interesses e contextos, sob a repetição aparente dos objetos de que se serve” (1996, p. 341), aos praticantes é conferido tão somente o equivocado atributo da passividade. Porém, mesmo invisibilizados devido à insignificância atribuída ao campo pelo qual transitam – o cotidiano – os praticantes operam. No que se refere a este trabalho, meu interesse não se direciona às intencionalidades daqueles que idealizam os desfiles, mas às operações dos praticantes. Transitando no campo do outro, há que se avaliar sua lógica até que se configure o momento ótimo para as operações dos praticantes – operações ainda bastante desconhecidas.

A participação dos praticantes da escola nos desfiles é marcada pela ambiguidade. Embora, em alguns casos, a adesão ao desfile disponha de caráter obrigatório em função do pertencimento do sujeito a alguma instituição, é possível encontrar estudantes que desfilem para receber, de seus professores, uma nota de participação. Quanto aos professores e pessoal administrativo da escola, sua presença no desfile também é marcada por intencionalidades diversas. Entremeados a protestos relacionados ao que os obriga a estarem ali, os praticantes sinalizam traços de satisfação por participarem do evento. Às vezes contrariados, criticando a organização ou demonstrando cansaço perante o longo tempo de espera, é possível notar, nos praticantes, o prazer em desfilar.

A curiosidade pelos desfiles de aniversário das cidades pequenas surgiu recentemente, quando me deparei pela primeira vez com um evento dessa natureza. Embora os desfiles cívicos que fazem menção à proclamação da

independência me fossem familiares, ainda não tinha conhecimento sobre um desfile comemorativo do aniversário municipal. De forma a explicar como o estranhamento sobre algo que considerava familiar delineou esta pesquisa, é necessário que eu registre alguns acontecimentos, sendo que o primeiro deles ocorreu sob a forma de sons.

Em meados de maio de 2009, em uma cidade pequena, passei a ouvir constantemente, vindos do interior de escolas, sons que me remetiam a ensaios de fanfarras e bandas. A musicalidade sinalizava claramente: estava sendo preparado um desfile cívico. A princípio considerei que as escolas estivessem se organizando com bastante antecedência para o tradicional desfile de 7 de setembro, mas, conversando com moradores, soube que se tratava de um desfile comemorativo do aniversário da cidade.

Interessada nisso, continuei conversando com outras pessoas sobre esse tipo de desfile que eu desconhecia, e assim, soube que em outros municípios da microrregião desta cidade também havia desfiles desta natureza. Ampliando a pesquisa sobre os municípios que promoviam esses desfiles, notei que não se tratava de um evento específico de cidades pequenas e nem tampouco de uma tradição generalizada. Por todo o país, muitos municípios promoviam esse tipo de desfile, enquanto outros o desconheciam.

Enquanto alguns municípios tomavam essa modalidade de desfile como momento máximo de celebração política e popular, incluindo-o em uma programação extensa (celebrações religiosas, exposições agropecuárias e industriais, *shows*, bailes, etc.), em outros esse evento era inexistente. A pista que me ajudou a desvelar isso surgiu na fala de um morador: “na verdade, o aniversário da cidade é em janeiro, mas a gente comemora em junho”.

Era isso. Em janeiro, período de férias escolares, o desfile de aniversário da cidade era inviável; assim, as comemorações eram transferidas de janeiro para junho, no dia do padroeiro da cidade. Voltei a examinar as datas de emancipação política de diversos municípios e observei que só havia esse tipo de desfile nas cidades onde o aniversário municipal não coincidia com as férias e recessos escolares. A escola é considerada instituição fundamental à realização do desfile: se o aniversário da cidade não coincidir com o período letivo, a cidade não desfila. A relevância da escola é tamanha, que interfere diretamente na consecução ou não de tal evento. Os municípios cujos anivers-

sários não coincidem com o período letivo e que, portanto, não promovem os desfiles, costumam incluir em sua programação outras atividades, tais como torneios esportivos, *shows*, celebrações religiosas, momentos cívicos, maratonas e exposições agropecuárias. A participação popular junto a essa programação é imprevisível e a presença dos sujeitos da escola ocorre de forma difusa, segundo incursões privadas. Em sítios da *Internet* é possível encontrar, facilmente, registros fotográficos alusivos às festividades de aniversário das cidades, sendo que os registros que captam os desfiles escolares superam os demais em quantidade. Não são apenas os setores municipais, responsáveis pela divulgação dos eventos, que os postam; estudantes, familiares e população em geral também se dedicam ao registro fotográfico desses desfiles, socializando-os na *Internet* por meio de *Blogs* e Redes Sociais.

Se o desfile de aniversário da cidade é o evento sobre o qual a administração municipal deposita o caráter de relevância política, é também por meio dele que a escola e a população em geral produzem diferentes sentidos. Envolvendo-se em detalhes relacionados às fanfarras, trajes e alegorias, a escola materializa os temas propostos, negocia a participação de estudantes e inscreve tacitamente o importante papel que lhe cabe na realização deste evento. Atraída a observar o desfile por diferentes motivos, a população participa do evento quando, ao olhar, também se mostra.

A partir de um único tema² proposto, a Secretaria de Educação produz artefatos a serem utilizados durante os desfiles, os quais se inscrevem junto à avaliação e ao currículo escolar. Notas de participação são negociadas, além de serem confeccionadas faixas, *banners*, adereços, fantasias, que, embora obedecendo ao tema específico, permitem a inclusão de outros sentidos por meio do consumo dos praticantes (CERTEAU, 1994). Junto a isso, pequenos detalhes também informam outras lógicas presentes, trazidas pelos praticantes, quando imprimem manifestos em seus próprios corpos por meio de gestos, posturas, penteados, maquiagens, ritmos e tantas outras reminiscências pouco perceptíveis – mas que contribuem para que a presença da escola no desfile de aniversário da cidade seja marcada também pelo que é produzido pelas pessoas. Neste estudo, observei um evento que interfere junto à avaliação e ao currículo, apreendendo sua presença para além dos muros escolares. Trata-se de uma pesquisa onde a legitimidade do cotidiano escolar foi preservada, ao

mesmo tempo em que não se restringiu à circunscrição dos muros escolares. O estudo ocorreu, em grande parte, em cotidianos escolares que desfilavam pelas ruas da cidade – um estudo externo à edificação escolar, mas imerso junto aos movimentos dos praticantes da escola.

2. METODOLOGIA

O estudo de cunho etnográfico possibilitou o contato direto entre a pesquisadora e os sujeitos investigados, sendo que a permanência em campo fundou-se em uma postura dialógica e objetivou a aproximação dos sentidos postos pelos sujeitos. A imersão e proximidade da pesquisadora junto a seu campo de estudos, com a observação atenta dos detalhes presentes nos desfiles, favoreceram o desvelamento da presença da escola nesses eventos. Para Geertz (1989), a descrição etnográfica é interpretativa e microscópica, e, embora o desfile seja circunscrito a espaços e tempos determinados, esta descrição foi produzida a partir das observações em campo, das conversas com as pessoas envolvidas e da posterior interpretação das imagens. É importante ressaltar que a investigação ocorreu “em” desfiles, e não “sobre” os mesmos – afinal, como aponta Geertz, o lugar de estudo não é o objeto de estudo.

As entrevistas foram orientadas por procedimentos empregados em História Oral, incidindo sobre a postura e o esforço intelectual da pesquisadora, e favorecendo a relação dialógica durante as “conversas” empreendidas. Segundo Portelli (1997), o historiador oral precisa dispor da “arte de ouvir” de forma que possa ir ao encontro da memória individual. Este encontro ocorre por meio de “conversas” que enriquecem a experiência de pesquisadores e entrevistados, uma vez que cada entrevista consiste em uma surpresa. O trabalho com História Oral inclui na postura do pesquisador o compromisso ético com os entrevistados, a rejeição a hierarquias entre observador/observado, a flexibilidade da pauta de entrevista segundo os direcionamentos do entrevistado, a dialógica e a problematização permanente sobre as interpretações do que foi dito.

Pouco empregada nas pesquisas científicas, a “conversa” não se esforça em adquirir *status* de “entrevista” para se enquadrar em determinado rigor científico. Em se tratando de pesquisa desenvolvida em cidades pequenas,

contudo, a “conversa” permite a continuidade das relações entre aqueles que vivenciam tão proximamente a sua cotidianidade. Assim, concordando com Certeau et al. (1996), entendo que “[...] é de ser natural e necessária em todo lugar que a conversação provavelmente tira seu estatuto teórico inferior. Como creditar inteligência e complexidade requintada às astúcias de uma prática tão comum?” (p. 338).

Além das conversas, também foi empregada a produção, coleta e digitalização de imagens. O emprego de imagens na pesquisa requer que não sejam tomadas como comprovação empírica daquilo que o pesquisador pressensamente buscava encontrar. Diferente disso, as imagens devem ser tomadas como “texto” cuja pertença ao cotidiano faz com que tenham algo a dizer, sem esquecer que “[...] se a fotografia nada acrescenta à precisão da observação sociológica, muito acrescenta à indagação sociológica na medida em que a câmera e a lente permitem ver o que por outros meios não pode ser visto” (MARTINS, 2008, p. 36). O registro fotográfico de um evento público conta com a concordância tácita dos fotografados, afinal,

Fotografar grandes cerimônias é possível porque – e apenas porque – essas imagens captam comportamentos que são socialmente aceitos e socialmente regulados, ou seja, já solenizados. Nada além do que *deve* ser fotografado *pode* ser fotografado. A cerimônia *pode* ser fotografada porque está situada fora daquilo que é a rotina diária, e *deve* ser fotografada porque materializa a imagem que o grupo pretende apresentar de si próprio. O que é fotografado, e apreendido pelo leitor da fotografia, não são propriamente indivíduos na sua particularidade singular, mas sim papéis sociais [...] (BOURDIEU; BOURDIEU, 2006, p. 34).

Em suas viagens pela África, o fotógrafo Art Wolfe (2010) tem produzido imagens sobre diferentes grupos sociais. Enquanto realiza seu trabalho, registra em documentário suas preocupações em torno das fotos: ele não as toma sob a forma de apropriação, mas como compartilhamento. Ao produzir as fotos, mostra-as aos grupos que fotografou com o intuito de aproximar-se das pessoas. Ele afirma que “a fotografia é uma grande conexão”, e que a possibilidade oferecida pelas câmeras digitais favorece esse contato, uma vez que “posso mostrar às pessoas o que estou fotografando”. Wolfe explica que não busca documentar uma cultura

como faz um documentarista tradicional, mas oferecer um sentido ao que está acontecendo. Trabalhando com imagens, imprime nelas o movimento do que se passa, ao incluir as narrativas das pessoas envolvidas.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, muitas fotografias foram produzidas e coletadas. As fotos não foram organizadas em “categorias”, mas entregues a um olhar onde habita a expectativa de se deparar com um tesouro. Para Barthes (1984), não é possível classificar uma fotografia, dado que a distinção de qualquer aspecto que a cristalice seria um ato arbitrário. Ele aponta, portanto, o observador da fotografia como aquele que interroga os significados que produz, a partir da reflexão. A fotografia, por si só, não dispõe da capacidade de produzir algo, mas de provocar alguém a isso. O que se cria não se encontra necessariamente colado à fotografia, pois que surge a partir daquele que a observa.

Muitas fotografias são percorridas pelo olhar sem que nada o capture: para Barthes (1984), trata-se de fotografias onde ocorre o *studium*. O *studium* é um campo descompromissado e não fecundo, pois que não permite que a fotografia permaneça para quem a observou. Raramente, contudo, um detalhe, na fotografia, se expande ao olhar: trata-se do *punctum*, aquilo que “acrescento à foto e *que, todavia* já está nela” (p. 85). Este detalhe é o que ‘punge’ – o que fere, provoca, atormenta – e não se esquece Barthes afirma que o *punctum* “[...] é um ‘detalhe’, ou seja, um objeto parcial. Assim, dar exemplos de *punctum* é, de certo modo, *entregar-me*” (p. 69).

A entrega ocorre onde houve captura, mas, nesse caso, o aprisionamento não se refere à privação do que quer que seja. O *punctum* instala um detalhe da fotografia no pensamento, enquanto o liberta de qualquer codificação prévia. O observador se entrega a pensar sobre a foto e a desejar compreender o detalhe que o capturou, num esforço contraditoriamente voluntário se considerar que “[...] essa foto trabalhou em mim, e mais tarde compreendi [...]” (p. 83). O que se compreende com o *punctum* não se encontra na fotografia, portanto, um exame minucioso não oferece serventia: “no fundo – ou no limite – para ver bem uma foto mais vale erguer a cabeça ou fechar os olhos” (p. 84). Trabalhar com o *punctum* de uma fotografia é como mergulhar dentro de si mesmo.

A metodologia empregada no estudo, portanto, incluiu abordagem de cunho etnográfico, o emprego da História Oral e a preciosa contribuição

da fotografia, enquanto “conexão”. A pesquisa foi desenvolvida em duas cidades pequenas do noroeste fluminense, e dividida em três etapas. Uma etapa foi destinada à observação sistemática e documentação direta dos desfiles de aniversário de ambas as cidades, com registro fotográfico e em diário de campo. Durante esta etapa, foram realizadas conversas repletas de intenção e isentas de roteiros determinados, uma vez que este procedimento ocorreu no decorrer dos eventos e segundo o fluxo da população presente – afinal, “[...] um pesquisador no cotidiano se caracteriza frequentemente por conversas espontâneas em encontros situados” (SPINK, 2008, p. 72).

3. DADOS E ANÁLISE

A observação de um desfile pode conduzir a uma versão empobrecida que apenas percebe pessoas reunidas contra a sua vontade, exibindo trajes ou alegorias que não escolheram e organizadas em grupos que não coadunam com os seus interesses. Esta caracterização desconsidera, contudo, que os praticantes dispõem da capacidade de alterar o que lhes é posto, e que sua arte reside justamente em aproveitar a ocasião para produzir coisas. É a festa.

Para refletir sobre isto, tomemos um estudo de Geertz (1989). Em seu estudo sobre a briga de galos balinesa, o autor assinala que, apesar das apostas envolverem quantias significativas no que se refere ao ganho mensal de um trabalhador, o lucro não era o objetivo principal, pois “[...] o *status* de ninguém é alterado pelo resultado de uma briga de galos” (p. 199). Sem desconsiderar o lucro obtido em uma aposta, parece que o mais relevante, para um balinês, é a presença de uma plateia onde as pessoas se conhecem: “[...] embora o risco seja momentâneo, ele é público, ao mesmo tempo” (p. 199).

Ora, isso leva a pensar sobre os investimentos dos praticantes nos desfiles. Algumas crianças apresentam-se com trajes que, visivelmente, oneraram seus familiares. Como compreender tão alto investimento em um evento pontual? Tomando por empréstimo a interpretação oferecida por Geertz (1989), é possível compreender que o caráter momentâneo do desfile se estende pelo fato de ser público. Embora o evento não altere o *status* familiar e se dissipe tão logo finde o percurso, a apreciação pública oferece a garantia de que ele será

inscrito na memória da população. Durante muito tempo, haverá a possibilidade de alguém fazer menção a um traje, a uma alegoria, a uma representação ocorrida outrora.

Os investimentos, portanto, não objetivam tão somente impactar os espectadores presentes, mas imprimir em suas memórias aquilo que se intenciona resguardar. Em uma conversa, ao observar a imagem que ressaltava a riqueza dos adornos utilizados por uma menina durante o desfile, uma mulher afirmou:

Eu sei de um pai que pagou 600 reais³ pelo traje usado por sua filha em um desfile de Pádua. Em outro desfile, eu mesma paguei pela roupa da minha filha, era uma roupa simples, eu paguei e depois a professora pediu que a devolvesse para a escola. Eu perguntei: por quê? Eu paguei pela roupa, não paguei para a minha filha desfilarmos... mas tive que entregar.

Complementando seu relato, relembra que há alguns anos as pessoas desfilavam de uniforme escolar, não havia fantasias e adereços. Segundo ela, a diversificação dos trajes, na atualidade, tem acirrado a disputa e a competição entre as instituições escolares e os grupos em geral, pois todos pretendem obter o maior índice de aprovação dos espectadores. Como não há uma competição oficial, a competição tácita premia os “melhores” por meio de comentários que circulam pela cidade por algum tempo. Após isso, os comentários adormecem, mas não morrem jamais, pois basta uma breve alusão ao evento para que sejam rememorados os momentos de distinção vivenciados por alguém.

O desfile não se restringe ao desenrolar de um cortejo. Antes e após, as pessoas inscrevem outras possibilidades. Durante o desfile, por exemplo, apresentaram-se duas adolescentes trajadas de “gueixas”. Antes do desfile, não me lembro de tê-las visto percorrendo a rua, assim como as demais “atrações” do desfile: a equipe organizadora as restringe à área de concentração para garantir seu ineditismo. Após o desfile, contudo, aquilo que era novidade deixa de ser para se tornar outra coisa: quem se destacou durante o desfile retorna à rua, livremente, para usufruir um pouco mais da admiração alheia. Na figura abaixo, podemos observar as “gueixas” caminhando pela rua, após o desfile. Quais seriam os sentimentos presentes ao se mostrarem novamente com os trajes e adereços com os quais desfilaram?



Figura1 – Adolescentes fantasiadas de “gueixas”, após o desfile.

Fonte: arquivo pessoal.

Descolada de suas condições de produção – o registro fotográfico no dia do desfile – esta imagem pode remeter ao cotidiano da cidade. É ali, naquele espaço, que se movimenta o cotidiano dessa cidade. Não fosse o dia da festa, a presença das meninas fantasiadas de gueixas provocaria a interrupção desse cotidiano. Repare: as pessoas não as observam, embora elas transitem pela rua com a (provável) intenção de serem vistas. Porém, hoje é o dia do aniversário da cidade e seus moradores desfilam e assistem. Há dezenas de fadas, palhaços, borboletinhas, príncipes e... gueixas pela rua. Nesse dia, o cotidiano é interrompido para, curiosamente, acolher o cotidiano da escola que se desloca para lá.

A interação entre os espectadores e os participantes do desfile é constante e muitos espectadores manifestam alegria ao ver um familiar ou amigo desfilando. Tal manifestação ocorre por meio de palmas, gritos, chamamentos, acenos – acompanhados de registros fotográficos. Talvez, a pessoa que desfila tenha se separado, momentos atrás, daqueles que assistem ao desfile nas calçadas; porém, a visualização de um membro afetivo se apresentando na solenidade da festa provoca nos espectadores manifestações que são próprias de pessoas que não se veem há muito tempo.

Essas manifestações implicam em algo que extrapola sua ocorrência. As manifestações dos espectadores diante de um ente querido que desfila pode sinalizar seu desejo por externar esta proximidade. Aquele que aplaude, grita e acena diz algo a mais neste contexto: trata-se da afirmação pública de uma relação. Em uma conversa, uma pessoa relatou que sua avó sempre demonstrou grande apreço por assistir aos desfiles, e que ela, desfilando, pensava: “no meio desta multidão, está a vó. Dentre tantos olhares, eu sei que existe um olhar que é direcionado para mim, é meu”.

Enquanto alguns jovens e crianças apresentam-se com roupas diferenciadas, outros desfilam trajando uniformes escolares. Os processos de diferenciação e distinção, portanto, se manifestam nos trajes, sendo possível, facilmente, delimitar a divisão socioeconômica dos participantes do desfile.

Desfilando uniformizado, aparentemente, poderia oferecer algum contragosto aos estudantes. Eles, contudo, inventam táticas que rompem com a homogeneização imposta pelo uniforme escolar, inserindo marcas que, ao desfilarem pela rua, dizem coisas. As camisas dos estudantes formandos do Ensino Médio, por exemplo, trazem inscrições formuladas pelos próprios. Diferentes das fantasias e desprovidas de adornos, as inscrições impressas nas camisas dos estudantes do Ensino Médio passam despercebidas pela visão curta de quem pretensamente vê tudo. Dentre elas, podemos encontrar estampado: “Entramos forçados, ficamos pirados, saímos formados” e “Estamos formando. Mais uma missão bem sucedida... de transmissão!” (Figura2).



Figura2– Detalhe da inscrição nas camisas dos formandos do Ensino Médio.

Fonte: arquivo pessoal.

No agrupamento de uma escola confessional foi possível observar, nos trajes e nas posturas corporais, as exigências que conformam uma lógica tradicional. Todas as blusas são brancas com abotoamento frontal onde, à esquerda, é fixado um broche no qual se encontra a imagem da Virgem. Para os meninos, calças compridas de tecido, meias brancas e sapatos pretos; os cabelos cuidadosamente aparados e penteados, as gravadas borboleta ajustadas aos colarinhos, o cinto preto prendendo as calças. Para as meninas, sapatos pretos com presilhas e meias brancas até os joelhos onde se encontram com a saia plissada para que assim, meias e saia, impeçam a visualizam da pele. As blusas brancas são ajustadas por baixo das saias e nas golas há uma rendinha branca que, incrivelmente, é idêntica em todas as blusas. Os cabelos são presos e finalizados por um laço de fita da mesma cor da saia. A escola desfila e, ao meu lado, uma pessoa comenta: “é a mais organizada! É a mais bonita!”

O comentário coaduna com a receptividade dos espectadores em geral: as pessoas observam atentamente a apresentação da escola e, diferente da postura que assumem em relação às demais, a interação ocorre por meio de aplausos. Aparentemente, legitimam aquele modelo onde reina uma espécie

de ordenação hierarquizada e impeditiva das diferenças. Entre escola e espectadores é produzido um distanciamento momentâneo, regulado pelas disposições observáveis no desfile desta escola: os detalhes falam de sua organização cartesiana, linearidade e hierarquia.

Em suas manifestações direcionadas àqueles que desfilam, os espectadores, às vezes, se mantêm restritos às calçadas, mas também adentram a rua. O desfile transcorre com interferências esporádicas dos espectadores, sendo que a autorização para isso é tácita e compartilhada por todos. Se nem todos podem atravessar a rua durante o desfile e se aproximar de seus componentes, alguns dispõem deste direito exclusivo. Durante a passagem dos alunos da educação infantil, por exemplo, é praticamente impossível vê-los, a partir da calçada. Em torno deles, forma-se um agrupamento de pessoas onde, no interior, desfilam as crianças de mãos dadas, lado a lado; junto a elas, estão as professoras e, no entorno de tudo isso, os familiares acompanham seus filhos.

Os familiares não estão previstos no desfile, mas adentram a rua e a percorrem com suas crianças. Sua presença é permitida e, embora seu posicionamento oculte as crianças, não encontrei nenhum espectador que criticasse isso. Uma mãe desfilando ao lado do filho é algo não previsto, mas consensualmente aceito – proteção não se discute.

O início da rua é pouco observado. Ali se encontram os profissionais das escolas e alguns familiares conduzindo seus filhos. O trânsito de pedestres é reconhecidamente livre, ninguém sente pudor ao atravessar a rua em meio a um pelotão. No meio da rua, durante o desfile, o atravessar é mais escasso. Geralmente os espectadores adentram a rua para ajeitar trajes e cabelos, dizer algo ou oferecer água a alguém que desfila (Figura3). Uma mãe, por exemplo, aproxima-se da filha, penteia com as mãos os fios de cabelo desalinados e diz: “ande devagar para as pessoas verem você”.



Figura3 – Durante o desfile, mãe oferece água à filha.

Fonte: arquivo pessoal.

Atenta ao desfile e desprovida de uma câmera fotográfica, uma mãe nos pede que fotografe sua filha. Aproximamo-nos da menina e, no momento da foto, a criança abaixa a cabeça. Em outra tentativa, pedimos à menina que levantasse a cabeça para a foto; a menina, porém, se recusa. Após a insistência, justifica: “não posso olhar para o lado, minha professora zanga!” Esta ocorrência nos leva a pensar na lógica behaviorista alimentada pela escola, atravessando os muros escolares e se manifestando pelas ruas da cidade. Herdeiros de um pensamento cartesiano que acolhe o olhar em perspectiva, aprendemos que deveríamos, todos juntos, olhar para o mesmo lugar, ao mesmo tempo e, também, ver as mesmas coisas. “Eu não posso olhar para o lado”, diz a menina. Na sala de aula, ela não pode olhar para o lado. Aprendeu que, para aprender, precisa se isolar do outro, competir com ele e vencer. A lição foi reforçada na rua: o corpo deveria demonstrar sua entrega àquele momento solene; ela devia representar algo e abster-se de interagir.

Na área de dispersão está localizado o palanque oficial, onde se reúnem os políticos locais e aqueles que dispõem de visibilidade social⁴ na cidade pequena. O palanque é montado próximo à praça e, em suas proximidades, se concentra a maior densidade de espectadores. É ali que ocorrem as exposições musicais, as coreografias especiais, o disparo de rojões de fumaça – tudo

reservado para o fim. A lógica presente na avaliação escolar amplia-se pela cidade, conferindo às proximidades do palanque o espaço propício a que cada um mostre o que tem de melhor.

A área de concentração do desfile exibe um fantástico cenário que se movimenta continuamente. Banhados pelo forte sol descoberto de nuvens, alguns jovens transformam o *banner* que um deles irá exhibir em uma proteção que abriga a todos. Enquanto isso, os objetos especificamente destinados a este fim – as sombrinhas – permanecem inoperantes, penduradas em um portão que, esquecido de sua função de abrir e fechar, as acolhe (Figura4).

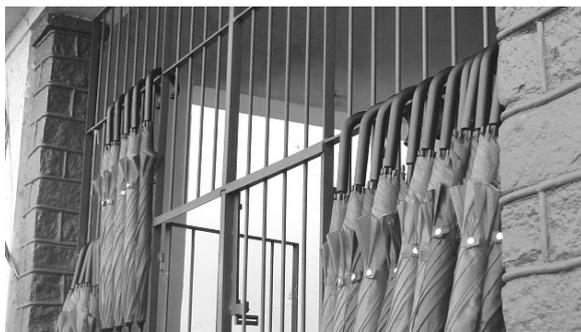


Figura 4 – *Outros usos: a proteção contra o sol.*

Fonte: arquivo pessoal.

Outros usos, outros consumos. Conforme aprendemos com Certeau (1994), imersos no campo do outro, praticantes observam atentamente as possibilidades para se apropriarem de algo, segundo a sua criatividade. Tomados por passivos pelo descuidado observador externo, tecem suas intencionalidades protegidos por este descuido. Quem só percebe passividade, sequer desconfia de que há um plano – e sempre há um plano. Sempre há o que ver, o que dizer, o que sentir, o que fazer... e sempre há outro uso para o que foi visto, dito, sentido, feito.

Próxima ao palanque há uma praça, e, nela, a continuidade da festa. Ali, tudo se mistura: crianças brincam no parquinho, pessoas sentam-se nos bancos, ambulantes vendem suas mercadorias, pessoas trocam de roupa, professores distribuem bônus aos estudantes que desfilaram, famílias procuram por seus filhos, componentes das bandas depositam seus instrumentos. Ainda vestidas com os uniformes escolares que acabaram de utilizar no desfile, duas meninas podem ser vistas já cumprindo seu ofício de procurar, amassar e coletar latinhas que serão vendidas e revertidas no sustento de suas famílias (Figura5).



Figura5 – Crianças catando latinhas na praça, durante o desfile.

Fonte: Elizângela Castro

Qualquer pessoa pode tomar o desfile enquanto oportunidade para estabelecer um comércio temporário ou até mesmo tirar vantagem de seus resíduos, como as pequenas meninas. As pessoas estabelecem diferentes relações com o desfile e é possível usufruir economicamente da ocasião, manifestar algum tipo de posicionamento político, sinalizar uma distinção social, explicitar seu pertencimento a um grupo, manifestar, enfim, interesses que podem ser coletivos ou pessoais, e de qualquer natureza.

Embora às vezes alguém desfile contrariado, sua indisposição não é materializada em sua apresentação física: em sua quase totalidade, as pessoas apresentam-se bem arrumadas para o desfile. Cabelos são cuidadosamente aparados e penteados; unhas são pintadas, calçados são lavados, uniformes bem passados. A indisposição em relação ao evento não é suficiente para que alguém se apresente de forma que considere inadequada perante os espectadores do desfile de aniversário de sua cidade. Na Figura 6, observamos uma menina que apresenta os cabelos cuidadosamente penteados, com belos cachos à mostra. Assim como ela, grande parte das pessoas que desfilam, demonstra este cuidado com o corpo.



Figura6 – *O capricho com a apresentação pessoal.*

Fonte: Elizângela Castro

Como dito anteriormente, os desfiles de aniversário das cidades são organizados, anualmente, em torno de um tema escolhido pela Secretaria de Educação. Os professores não participam da seleção do tema, da escolha de fantasias e nem tampouco das inscrições presentes em faixas exibidas pelos estudantes durante o cortejo. Em conversa com o organizador do evento, este relatou que os professores não se envolvem com o projeto do desfile, mas que seus interesses são direcionados aos artefatos, com o intuito de trabalhar com eles na escola, posteriormente:

Pergunta – Uma coisa que me chamou a atenção nesses desfiles foi o tema... isso é currículo, né? É a escola contando uma história na rua.

Organizador – Eu vejo como uma aula ao ar livre, na Rua Direita.

Pergunta – Eu vejo assim, também... currículo! Em movimento, pela rua! É isso que eu queria saber também... você escolhe um tema... mas as escolas têm liberdade para trabalhar o que vão apresentar?

Organizador – Têm, mas não gostam, não... porque essa coisa que existia antes, das professoras ficarem depois do horário, hoje em dia elas querem sair mais cedo [risos]... então, com essa coisa da coordenadoria pedir serviço, pede hoje à tarde e é pra ontem, elas agradecem por ter tudo pronto. Não existe esse envolvimento por parte dos professores na organização do desfile, não. Eles gostam depois de usar o material em projetos dentro da escola. As fantasias, os painéis, as coisas são sempre utilizadas ao longo do ano. Mas, envolvimento com o desfile, com a confecção das coisas, eles não têm.

A princípio, confesso que fiquei desapontada ao saber que os professores não se envolviam com o tema do desfile e, por conseguinte, com o desenho do “currículo” que informava a “aula ao ar livre, na Rua Direita”. Porém, uma pista ofereceu outra possibilidade, ainda mais interessante: os professores não se interessavam por organizar o desfile (ou eram impedidos de), mas se apropriavam de seus resíduos (fantasias, alegorias, entre outras) para serem utilizados em suas aulas... depois! Empregavam táticas de praticantes que conhecem o campo em que transitam e as estratégias de regulação postas pelo outro (CERTEAU, 1994). Conhecedores deste campo, aparentemente se resignavam a não participarem da organização, pois sabiam – e sabiam bem – que o momento para usufruir da proposição do outro seria furtivamente criado por eles. Após o desfile, os artefatos são distribuídos pelas escolas, doados como resíduos. Na escola, imediatamente adquirem o *status* de miscelânea: uma profusão confusa de itens aos quais são atribuídas novas serventias e significados quando entregues ao olhar docente.

Um desfile de aniversário da cidade comporta práticas e disposições encontradas nas escolas. Ali podemos observar, por exemplo, as ordenações, hierarquizações, distinções, o controle, o currículo e a avaliação. Findo o desfile, os professores distribuem entre os estudantes um bônus (Figura7) – o qual

pode ser acrescido à média obtida em qualquer disciplina. Seu valor é de um ponto, e cabe ao estudante decidir quando e como empregá-lo. O resultado do exame escolar é alterado por uma bonificação que não resulta do rendimento do estudante, e isto é consensualmente aceito. Esta lógica reforça a avaliação como recompensa pelo desempenho, e não como prática interessada nos diferentes processos de aprender.



Figura7 – Bônus distribuído aos estudantes após o desfile.

Fonte: arquivo pessoal.

Um olhar apressado pode forjar a conclusão de que os participantes do desfile encontram-se do lado de fora do cortejo que contribuem para configurar: fora da escolha do tema, fora da organização, fora da escolha dos critérios de bonificação. Aparentemente, quem desfila tão somente cumpre uma determinação que lhe é superior e sobre a qual é mantido alheio.

Em se tratando da palavra escrita presente nas faixas, da visualização das fantasias e adereços, da organização cartesiana dos pelotões de alunos, da bonificação conferida e de outras práticas e disposições escolares transpostas para a festa que se desenrola na cidade, não há como ignorar a ocorrência de desdobramentos. Além de dispor de uma constelação de diferentes lógicas produzidas por seus praticantes, um desfile de aniversário da cidade provoca a produção de sentidos diversos naqueles que o observam.

4. CONCLUSÃO

Ao descrever a dinâmica das pessoas envolvidas com uma briga de galos, Geertz (1989) afirma que a abordagem possível a um observador é a da percepção de uma forma impressionista – dada a diversidade de movimentos presentes. Para o autor, “[...] a compreensão detalhada de todo o processo aguarda ainda aquilo que, parece, não será alcançado jamais: um teórico decidido armado de observações precisas sobre o comportamento individual” (p. 196). Penso que a observação de um desfile remete o pesquisador a sensações semelhantes.

Embora as teorias reprodutivistas apontem a escola como o lócus privilegiado para que o que se passa na sociedade se manifeste novamente, com os desfiles podemos encontrar também o seu contrário. Como exemplo, é possível citar que a vigilância e a correção dos estudantes, durante o desfile, reproduzem aquilo que se pratica na escola. Elas não ocorrem o tempo todo, e sua intensidade é mediada pelos acontecimentos, pela presença ou ausência de observadores, pelo acordo firmado entre o professor, seus alunos e a percepção de todos sobre o papel de cada um.

Fotografando os desfiles e conversando com as pessoas, pude me inserir em um universo marcado pela ambiguidade. Era necessário ouvir cuidadosamente o que diziam as pessoas, pois, frequentemente, a fotografia dizia algo que não coadunava com os relatos. Era preciso compreender as diferentes lógicas.

O cotidiano escolar surge em trajas não cotidianos, sem esquecer-se de si mesmo. Não se mostra totalmente, mas desfila em detalhes que sinalizam sua presença. Adentrando a festa que interrompe o cotidiano da cidade, a escola não relega as dinâmicas que a distinguem. As disposições que orientam as práticas pedagógicas também desfilam pela rua e são legitimadas pelos espectadores.

NOTAS

- 1 A pesquisa contou com o apoio financeiro e uma bolsa de iniciação científica da FAPERJ, e com o apoio financeiro e uma bolsa de iniciação científica do CNPq.
- 2 Temas apresentados nos desfiles observados: “Quem conta um conto, sempre aumenta um

ponto”; “Bendita serás tu, mulher!”; “África: vozes, lutas, valores, culturas”; “Meu Brasil que canta, dança e é feliz”; “Ritmos do Brasil”; “Escola: conhecendo a educação e a cultura no contexto histórico paduano”.

- 3 Na ocasião desta entrevista, este valor era proximamente superior ao salário mínimo do trabalhador brasileiro.
- 4 “Categorias tradicionalmente utilizadas para distinguir sujeitos em uma sociedade, não são apropriadas para uma cidade pequena. Ali, os laços que promovem os agrupamentos constituem aquilo a que chamo de “grupos de visibilidade social”. Estes grupos agregam sujeitos que se destacam na cidade, sem que dispositivos de distinção convencionais sejam acionados” (LACERDA, 2012, p. 71).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R.A **câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOURDIEU, P.; BOURDIEU, M. O camponês e a fotografia. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v. 26, jun. 2006. Disponível em: <<http://migre.me/aikan>>. Acesso em: 18 fev. 2011.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2**. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

DARNTON, R. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LACERDA, M. P. **A professora e o cotidiano da cidade pequena**. Niterói: EdUFF, 2012.

MARTINS, J. de S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

PORTELLI, A. Tentando aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 13-49, abr. 1997.

SPINK, P. K. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, 2008. Disponível em: <<http://migre.me/aik3Y>>. Acesso em: 15 out. 2010.

WOLFE, A. Etiópia: o Vale do rio Omo. **Série Viajando aos extremos 1**. 13 episódios. X 30' (Dur. Média). Documentário. TV Escola. Disponível em: <<http://migre.me/aik7g>>. Acesso em: 25 maio 2010.